

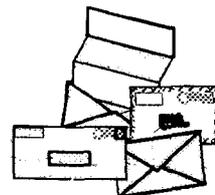


O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Escrevem os Leitores



É com grande alegria que depois de muito tempo sem encontrar-me com a revista dos senhores – depois de mais de 20 anos sem contato – há alguns dias, passando por uma rua aqui em Campos, encontrei uma revista. Peguei e vi “O Desbravador”, olhei para o ano (2003) e fiquei surpreso em saber que esta magnífica revista ainda existe, pois esta revista nasceu na minha infância (1980).

Quero dar meus cumprimentos aos senhores e parabenizá-los, pois observando a situação do mundo: o caos, o horror da violência, a falta de fé, a falta de união dentro da família, o horror de pecados e mais pecados e, o pior, a maior dor, é ver a autodemolição da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. E os senhores esses anos todos se mantendo em pé como um farol em meio à tempestade do caos em que vivemos.

Não tenho condições financeiras para ajudar-lhes como merecem, mas peço de coração, que voltem a enviar-me “O Desbravador”. E quando tiver alguma condição depositarei para os senhores.

Aqui me despeço deixando um forte abraço e minhas orações. Que Nossa Senhora os auxilie em tudo.

JOSÉ LUIS SOUZA ROSA
CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

Aprecio muitas as leituras do impresso “O Desbravador”.
Conforme o pedido estou enviando uma pequena contribuição.
Desde já agradeço a atenção. Felicidades e Fé a todos.

MARIA CELINA MESQUITA DO NASCIMENTO
SÃO PAULO - SP

Quero agradecer pela graça que tive hoje de receber “O Desbravador”.

Eu o recebia no seminário e gostava muito do jornal, pois é muito bem feito. Nos dá amplo conhecimento da fé, da vida dos santos e nos motiva a procurar/alcançar a santidade.

Se possível, gostaria de continuar a recebê-lo aqui até no final deste ano. No começo do ano, se possível, gostaria de recebê-lo em Anápolis/GO. Muito obrigado.

FÁBIO BARBOSA
ARUJÁ - SP



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO “SANTA MARIA”

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO-FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO “FRA ANGÉLICO”



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail – odesbravador@uol.com.br

Editorial

Nesses anos de vida de "O Desbravador", mais de uma vez recordamos como eram maravilhosos os Natais de tempos passados.

A atmosfera espiritual dominada pelo espírito natalino, a vida das famílias toda ela permeada pela ação da Santa Igreja Católica, a prática dos Sacramentos em alto grau, os presépios, as orações, a vida, enfim, tudo encaminhando para o menino Deus, nos braços de Maria Santíssima.

Mudaram os tempos. Hoje, a família está em frangalhos, alguns religiosos só falam de política, dos sem terra, de direitos humanos etc. Hoje, o Natal é, para muitíssimas pessoas, um mero feriado, ocasião de beber, comer e enchafudar-se nos pecados.

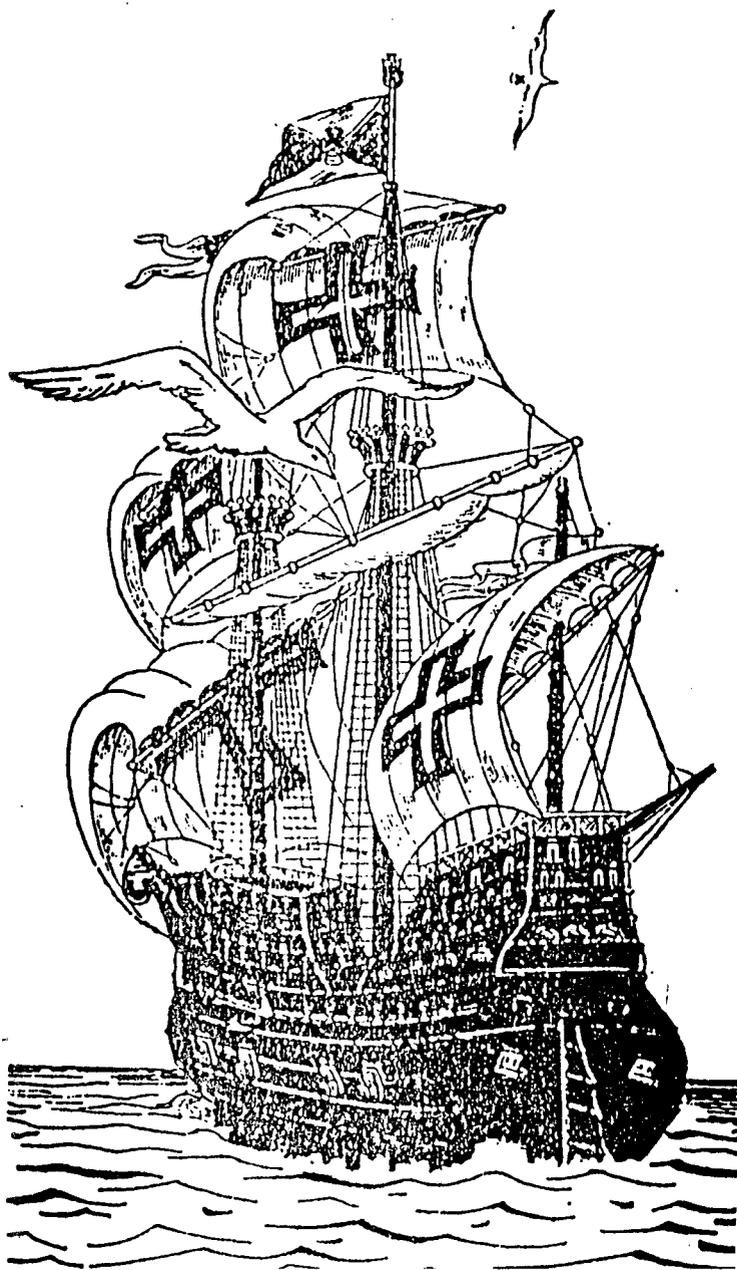
Mas, ainda assim, é Natal. Apesar de tudo que falamos, a Sagrada Família está no Presépio de Belém, as graças natalinas continuam a fluir, podemos ainda obter o perdão de nossos pecados pela Confissão, Nosso Senhor está Real e Substancialmente presente na Santa Comunhão.

Sim, é Natal. E é mais uma vez a oportunidade de nos unirmos a Deus, de aproveitarmos das graças que pelas mãos de Nossa Senhora nos chegam.

Já dizia, o grande São Leão Magno, que não pode haver tristeza quando nasce a Vida.

É Natal e façamos desse Natal de 2003 o início de uma vida sem pecados, o início de uma vida de lutas católicas, o início de uma vida familiar cristã, o início de uma vida santa, plena de apostolado.

E que, com o auxílio da Santíssima Virgem, dure por toda vida e seja um caminho para o Céu.



O PECADO MORTAL

Oh! Se soubesses, meu filho, o que fazes quando cometes um pecado mortal! Dá as costas Àquele Deus que te criou e te cumulou de benefícios; desprezas a Sua Graça e a Sua amizade. Quem peca diz com os fatos ao Senhor: “Apartai-Vos de mim, já não quero obedecer-Vos, não quero Vos servir, não Vos quero reconhecer por meu Senhor: Non Serviam. O meu deus é aquele prazer, aquela vingança, aquele ódio, aquela conversa obscena, aquela blasfêmia”. Poder-se-á imaginar ingratidão mais monstruosa do que esta? Entretanto, meu filho, tudo isto fizeste quando ofendeste ao teu Senhor.

Maior ainda se torna esta ingratidão, refletindo que, para pecar, serves te das mesmas coisas que Deus te deu. Ouvidos, olhos, boca, língua, mãos, pés, são todos dons de Deus e tu deles te serviste para ofendê-LO! Ah! Ouve, pois o que te diz o Senhor: “Filho, Eu te criei do nada; dei-te tudo o que agora tens, fiz-te nascer na verdadeira Religião e receber o Santo Batismo. Podia deixar-te morrer quando estavas no pecado: conservei-te a vida para não te condenar ao inferno. E tu, esquecido de tantos benefícios, queres servir-te dos meus próprios dons para ofender-Me?” Quem não se sentirá tomado de profundo pesar por ter feito tamanha injúria a um Deus tão Bom, tão benfazejo para conosco, suas miseráveis criaturas?



Deves ainda considerar que este Deus, embora seja bom e infinitamente misericordioso, todavia fica muito indignado quando O ofendes. Por isso, quanto mais tempo viveres no pecado, tanto mais vais provocando e acumulando a ira de Deus contra ti. Deves portanto rezear muito que os teus pecados cheguem a tal número que Ele por fim te abandone. In plenitudine peccatorum púniet.

Não que isto aconteça por te faltar a Misericórdia Divina, mas é que te faltará o tempo para pedir perdão, pois que não merece a misericórdia de Deus quem dela abusa para ofendê-LO. Com efeito, quantos viveram no pecado na esperança de converter-se e, entretanto chegou a morte e faltou-lhes o tempo para disporem os negócios da consciência e, agora, estão eternamente perdidos! Teme que não venha acontecer a mesma coisa a ti. Depois de tantos pecados que Deus te perdoou, deves com razão rezear que, com mais algum pecado mortal, a ira Divina te fulmine e te precipite no inferno. Dá graças a Deus por ter-te esperado até agora e toma desde já uma firme resolução dizendo: “Basta, meu Deus! O pouco de vida que ainda me resta não a quero desperdiçar em ofender-Vos. Hei de empregá-la em Vos amar e chorar os meus pecados. Arrependo-me de todo o coração, Meu Jesus, quero amar-Vos; dai-me força. Virgem Santíssima, Mãe de meu Jesus, ajudai-me. Assim seja”.





A MINHA ESTRELA

A primeira vez que eu a vi foi na noite anterior à minha primeira Comunhão. Havia me confessado, estava radiante de alegria e rezava ajoelhado ao lado de minha cama. Então eu a vi pela janela, brilhando no meio da noite. Era – eu tinha certeza – a Estrela de Belém que me indicava o caminho para encontrar Nossa Senhora, e em Seus braços o Menino Jesus. E eu, entusiasmado, tomei a resolução firme de a seguir. E realmente durante algum tempo foi a luz da estrela que guiou os meus passos de criança e de rapaz. Mas... Um dia tropecei ao atravessar um pântano, me cobri de lama e resolvi parar. E, naquela noite, a estrela não surgiu. E, então, a lama viscosa me cobriu cada vez mais.

Foi apenas alguns anos depois que novamente eu a vi. Tocado pela graça, eu me havia limpado da lama imunda, e naquela noite ela brilhou novamente. Esqueci o passado e prossegui o meu caminho para o Presépio. A cada passo que eu dava, a estrela parecia ainda mais brilhar. Quantos sonhos eu fiz então! Eu encontraria o Menino Jesus, eu Lhe beijaria os pés, eu faria tudo para O servir...

Mas o caminho me levou a um deserto, e em meio ao areal, comecei a desanimar. Achei a estrada muito longa e cansativa, e que talvez fosse melhor esperar as bolhas de meus pés se curarem... Parei à sombra entorpecedora de um oásis, e enquanto eu dormia, de novo, a minha estrela se apagou.

Fiquei ali entorpecido muito tempo, até que a voz vibrante de um missionário me sacudiu e me ergueu. Arrependi-me do tempo perdido, chorei a minha moleza, e através dessas lágrimas percebi novamente a luz de minha estrela, tomando conta do céu. Com que alegria então não me precipitei em a seguir! O Menino Jesus me esperava e me queria, me aguardava para me premiar! Eu seria um grande servidor de Deus, eu seria um grande general, eu seria um grande homem, eu seria grande!

Maldito seja o orgulho! Criei tantas miragens, inventei tantas glórias ridículas para me adornar que essas luzes falsas me cegaram, me impediram de ver a estrela e, novamente, eu me perdi! Corria atrás de um fantasma chamado "fama", e quando o tocava, ele se desfazia por entre os dedos de minha mão... Tropeçava no encalço de um fogofátuo intitulado "prestígio" que, sarcástico, fugia sempre à minha frente, até desaparecer e me largar na escuridão... Vaguei atarantado atrás dos relâmpagos da "moda", que me chamavam de todos os lados ao mesmo tempo, me fazendo girar e girar, e me cansar e cair...

No meio da noite escura senti que os chacais e as hienas me cercavam e estavam prestes a me devorar. Apavorado, clamei pela ajuda de Nossa Senhora. Os chacais se afastaram, as hienas sumiram... e, no céu novamente, a minha estrela surgiu. Eu a segui devagar – pois estava cansado –

e cauteloso, pois estava prevenido e não queria novamente em algum logro cair.

Cruzei pela estrada com mercadores carregados de riquezas, e a vista daqueles tesouros me fez pensar: "Que tenho eu de meu? Que riquezas possuo?" E uma sombra chamada "ambição" me envolveu por inteiro, me fez brilhar outras vias, me cobriu de ouro e de prata, me ocupou com negócios e demandas, me tomou de vertigem, me cercou de bajuladores e interesseiros... E me fez outra vez esquecer a estrela que eu prometera seguir.

Um raio enviado por Deus destruiu toda a minha fortuna, e só por misericórdia não me fulminou também. Os falsos amigos me abandonaram. A solidão, o desprezo e a pobreza me fizeram rezar. E, quando rezei, a minha amiga esquecida novamente brilhou. Meu Deus, quanta bondade vinda de Vós, quanta infidelidade vinda de mim! Agora – pensei – nada no mundo me fará desviar de Vos servir!



Saindo um pouquinho da estrada pedregosa havia um lindo caminho gramado e cercado de flores. Conduzia a uma graciosa casinha acariciada por um pequeno jardim. Cortinas brancas e suaves, uma varanda cheia de sombra, um pomar cheio de frutos. Por dentro, tudo muito limpo, bem varrido e bem encerado. Um tapetinho suave, uma poltrona grande e estofada, tendo ao lado um par de chinelos macios para meus cansados pés descansarem. Um cheiro gostoso de boa comida sendo feita na cozinha... Tudo tão bom. Apenas as cortinas branquinhas não deixavam a luz da estrela me alcançar...

Só a vi novamente quando a cortininha se rasgou. Então, trôpego e hesitante, completei meu caminho, cheguei ao Presépio, beijei os Pés Sagrados do Menino e tive a alegria imensa de ver Nossa Senhora sorrir. Mas, em Seus olhos, havia também uma lágrima e essa lágrima me dizia:

"Meu filho, onde você esteve? Era meu desejo que você dedicasse sua vida para servir o Menino e O glorificar, e só agora que você está velho e trôpego é que você chega? Meu filho, por que você demorou tanto? Mas ainda bem que você veio."



A LENDA DO BARRILZINHO

Habitava nos confins da Normandia um destemido cavaleiro, cujo nome causava terror na região. De seu castelo fortificado junto ao mar, não receava nem mesmo o rei. De grande estatura e belo porte, era, no entanto vaidoso, desleal e cruel, não temendo nem a Deus nem aos homens. Não fazia jejum nem abstinência, não assistia Missa, nem ouvia sermões. Não se conhecia homem tão mau.

Numa Sexta-feira Santa, bradou ele, de manhã, aos cozinheiros: "Aprontai-me para o almoço a presa que cacei ontem". Ouvindo isto, seus vassallos exclamaram: "Senhor, hoje é Sexta-feira Santa, todos jejuam... E vós quereis comer carne? Crede-nos, Deus acabará de vos punir!"

"Até que tal aconteça, terei enforcado e roubado muita gente", retrucou.

"Estais seguro de que Deus tolerará mais isto? Vós devíeis vos arrepender sem demora. Em um bosque vizinho habita um padre eremita, varão de grande santidade. Vamos até lá e confessemos-nos", insistiram os vassallos.

"Confessar-me? Aos diabos!" Respondeu com desprezo o senhor.

"Vinde ao menos fazer-nos companhia".

"Para me divertir, concedo. Por Deus, nada farei".

E, puseram-se a caminho. Na floresta solitária e quieta encontraram o santo varão na ermida. Advertido pelos vassallos, que se confessaram, saiu o eremita ao encontro do orgulhoso senhor, que ficara montado, dizendo-lhe:

"Sede benvindo, senhor! Visto que sois cavaleiro, deveis ser cortês. Desmontai e vinde falar comigo".

"Falar convosco? Para que? Estou com pressa".

"Entrai e conhecei minha capela e minha morada".

Muito a contragosto e resmungando, o cavaleiro apeou. O eremita tomou-o pelo braço, conduziu-o diante do altar e disse-lhe:

"Senhor, matai-me, se quiserdes, mas daqui não saireis sem antes vos confessar".

"Não contarei nada! Não sei o que me impede de matar-vos!"

"Irmão, dizei-me um só pecado. Deus vos ajudará a confessar os demais".

"Raios! Não me dareis sossego? Eu o farei, mas de nada, nada me arrependerei".

E, com grande arrogância, contou de um só lance todos os seus pecados.

"Senhor, pelo menos sujeita-vos a uma penitência", disse o eremita.

"O que? Penitência? Caçoais de mim", vociferou o cavaleiro.

"Jejuareis todas as sextas-feiras, durante três anos".

"Três anos! Estais louco? Jamais".

"Então um mês".

"Também não!".

"Ireis a uma igreja e direis ali um Padre-Nosso e uma Ave-Maria".

"Para mim seria enfadonho e, ademais, tempo perdido".

"Pelo amor de Deus Todo Poderoso, pegais pelo menos este barrilzinho, enchei-o no regato próximo e trazei-o de volta para mim".

"Bem, isto não me custa tanto, e sobretudo para ficar livre de vós, concedo".



Saiu, pois, o cavaleiro em direção à fonte e, de um só golpe, afundou na água o barrilzinho. Neste não entrou uma gota sequer... Tentou novamente, de um jeito, de outro... Nada! Intrigado e rangendo os dentes de raiva, voltou à ermida e esbravejou:

“Barril enfeitado! Não consigo meter-lhe uma só gota de água!”.

“Senhor, que triste estado é o vosso! Uma criança tê-lo-ia trazido transbordante... Isto é um sinal de Deus, por causa de vossos pecados”, disse o eremita.

“Pois eu vos juro que não lavarei minha cabeça, não farei a barba, nem cortarei as unhas enquanto não encher este barril, ainda que tenha de dar a volta ao mundo. E, nisto empenho minha palavra!”.

Partiu, assim, o cavaleiro com o barrilzinho, sem levãr senão a roupa do corpo. Em todos os poços e regatos, cascatas e rios, lagos e mares, experimentava encher este barril, mas sempre em vão. Caminhando sem cessar, passando frio ou calor, por planícies e montanhas percorreu ele muitos países. Maltrapilho e sujo, curtido pelo sol, obrigado a mendigar, sofreu fome, insultos e chacotas, pois desconfiavam dele. Seu corpo ia definhando e o barrilzinho pesava-lhe enormemente, amarrado ao pescoço. Ao cabo de um ano de fracassos, decidiu voltar à ermida, onde por fim chegou, exatamente na Sexta-feira Santa. O eremita não o reconhecendo, perguntou:

“Caro irmão, quem vos deu este barrilzinho? Há um ano entreguei-o a um belo cavaleiro, que não voltou mais aqui. Nem sei se ainda vive”.

“Esse cavaleiro sou eu e este é o estado em que me colocastes!” respondeu cheio de cólera o desditado peregrino, contando a seguir suas desventuras. O santo homem indignou-se ante tanta dureza de alma, bradando:

“Vós sois o pior dos homens! Um cão, um animal qualquer teria enchido o barril. Ah! Bem vejo que Deus não aceitou vossa penitência, porque não vos arrependestes!”. E, pondo-se a chorar, rogou à Santíssima Virgem que intercedesse por aquele pecador empedernido. Enquanto o eremita soluçava, em sua longa oração, o cavaleiro, quieto, foi tocado pela graça. Seu coração tão duro comoveu-se.

Os olhos se lhe turvaram. Uma grossa lágrima rolou-lhe pela face ressequida, caindo diretamente dentro do barrilzinho, que trazia amarrado ao pescoço. E, esta única lágrima encheu-o até os bordos!

Sinceramente arrependido, o cavaleiro pede para confessar-se. O eremita, maravilhado, abraça-o em prantos de alegria. Após ministrar a absolvição sacramental ao penitente o eremita perguntou-lhe se queria receber a Comunhão.

“Sim, meu pai. Mas, apressai-vos, porque sinto que vou morrer”.

Tendo recebido o Santíssimo Sacramento, com a alma purificada, o cavaleiro agradeceu comovido ao eremita e colocou-se em suas mãos. Pouco depois, exalava o último suspiro. A capela iluminou-se e os anjos levaram sua alma ao Paraíso. Diante do altar o eremita velou longamente aquele corpo coberto de andrajos, tendo junto de si o prodigioso barrilzinho...



O pároco morreu na Sibéria

Aconteceu numa pequena aldeia da Rússia. O sacristão de uma pequena paróquia maquinava como assassinar a um homem sem que ninguém suspeitasse dele. Depois de muito refletir, pôs em marcha seu plano. Dirigiu-se ao lugar onde o pároco guardava uma escopeta e, com ela, de um só disparo, matou ao homem que queria eliminar. Rapidamente fugiu para não ser descoberto. Foi à Igreja e nela, atrás do altar-mor, ocultou o fuzil. Depois se dirigiu ao pároco e se confessou do crime cometido.



Começaram a fazer investigação para descobrir o criminoso. Foram também à casa do pároco e a revistaram toda, logo viram a Igreja e atrás do altar encontraram a arma com sinais de que havia sido disparada. Interrogado, o sacerdote manifestou-se inocente, mas nada disse sobre o autor do crime. Este mantinha uma atitude indiferente e serena para não levantar suspeitas.



Os agentes acusaram ao pároco de ser o criminoso. E o tribunal lhe condenou a trabalhos forçados na Sibéria. Esta região da Rússia é extremamente fria, com temperaturas baixíssimas. Por cerca de vinte anos, o pároco esteve cumprindo pena de um delito que não havia cometido. Mas ele foi fiel a seu dever. Tinha que guardar segredo de Confissão.

Ao sacristão chegou a hora de morrer. Fez reunir a todos os seus familiares e amigos, inclusive ao sacerdote da paróquia que substituiu ao antigo pároco, e pessoas importantes da aldeia. Diante de todos, prostrado na cama, declarou que ele havia sido o assassino e que por sua culpa o pároco, ao qual haviam condenado, estava na Sibéria. Aquele homem, arrependido do que havia feito, pediu aos presentes que fizessem os trâmites necessários para trazer da Sibéria o pároco. Poucos momentos depois morreria, pedindo perdão a Deus do que havia feito.



Quando a ordem, para por em liberdade ao pároco, chegou à Sibéria já era tarde. Responderam que o pároco já havia morrido. O padre, extenuado pelas provações e sofrimentos próprios do desterro, havia morrido cumprindo com seu dever.

Isso demonstra a sublimidade do segredo da confissão. Ao cabo dos séculos, Deus permitiu muitos pecados, mas jamais permitiu que fosse violado o sigilo da confissão.



Santa Mônica

“É impossível que o filho de tais lágrimas se perca”

Lemos, na vida de Santo Agostinho, um episódio magnífico. Sua mãe, Santa Mônica andava triste com a vida desregrada que Agostinho Levava.

Rezava, falava, aconselhava para mudar essa situação. E também chorava.

Certa ocasião, dirigiu-se a um bispo para manifestar suas dores e pedir orações por seu filho. O bispo não se deteve e a despediu dizendo: “vai em paz, é impossível que o filho de tais lágrimas se perca”.

Essas palavras acabaram sendo proféticas, pois não só Agostinho não se perdeu, como se tornou um grande santo, um luminar da Igreja Católica.

Aqui gostaríamos de dizer umas palavras sobre o papel desempenhado por Santa Mônica em sua conversão.

Em primeiro lugar, ela jamais aceitou a vida pecaminosa de seu filho. Não só isso, ela jamais se conformou com essa vida.

Lutou como pôde. Falava contra essa maneira de viver, rezava, chorava, procurou arrumar uma boa esposa para que ele consertasse sua vida, impediu sua entrada em casa, foi, chorando, atrás dele quando ele fugiu para Roma, mas sua luta mostra que ela não desesperava, e sim que confiava na Providência Divina.

Foi recompensada vendo seu filho nos caminhos de Deus. E ele viu que tanto devia a ela em sua conversão que, ao decidir mudar de vida, comunicou a ela sua decisão.

Ele se batizou, se converteu e decidiu voltar com ela para a África. Era vontade de Deus que ela não voltasse, tanto que morreu antes de embarcarem.

O que ela disse ao seu filho, na cidade italiana de Óstia, é das coisas mais sublimes que conhecemos:

“Meu filho, nada mais me atrai nesta vida; não sei o que estou ainda fazendo aqui, nem porque estou ainda aqui. Já se acabou toda esperança terrena. Por um só motivo eu desejava prolongar a vida nesta terra: ver-te católico antes de eu morrer. Deus me satisfaz amplamente, porque te vejo desprezar a felicidade terrena para servi-LO. Por isso, o que é que estou fazendo aqui?”

Dias depois ela faleceu indo para o Céu. A Santa Igreja Católica a canonizou e a apresentou como modelo de mãe cristã.

E nós aqui dizemos: que falta fazem mães e pais com a indole e a firmeza de Santa Mônica.

Não seria bom se o pai ou a mãe que nos lê decidisse ser como Mônica?



A Santa Missa em alto-mar

No dia 20 de janeiro de 1902 saía de Havana o transatlântico "Alfonso XIII". Levava a bordo muitos passageiros. Depois de uma navegação feliz, quando já se ia ao porto, teve a desgraça de ficar encalhado nas costas da Florida.

A consternação dos passageiros foi muito grande. Todos os esforços que foram feitos para fazer a embarcação navegar resultaram inúteis. Um barco norueguês, que passava pelo lugar do ocorrido, consentiu em rebocá-lo. Teria que pagar uma forte indenização. Amarraram o transatlântico a um enorme cabo de aço, mas quando o navio norueguês tentou arrastar ao navio encalhado o cabo se rompeu. E assim, várias vezes até que deixaram. À meia-noite tiveram que atirar grande parte da carga ao mar. Então, o pânico se apoderou dos passageiros. Barcos piratas rondaram ao redor da embarcação, esperando que os passageiros e a tripulação abandonassem o barco para dele se apoderarem.

Em tão grave situação, todos compreenderam que somente Deus poderia ajudar-lhes e concordaram em celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Era impressionante, no meio do mar, num barco encalhado, ver alçar-se, na consagração, a Sagrada Hóstia. Todos a olhavam com extraordinário fervor. No instante da consagração sentiram todos, tripulantes e passageiros, que o navio se movia. O júbilo foi indescritível. O navio, momentos depois, deslizava suavemente por cima do recife. Continuou sua viagem e felizmente chegou a La Coruña.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E O LOBO DE GÚBBIO

Do santíssimo milagre que fez S.Francisco quando converteu o ferocíssimo lobo de Gúbbio.

No tempo em que S.Francisco morava na cidade de Gúbbio, apareceu um lobo grandíssimo, terrível e feroz, o qual não somente devorava os animais como os homens. Todos os cidadãos estavam tomados de grande medo, porque freqüentes vezes ele se aproximava da cidade; todos andavam armados quando saíam da terra, como se fossem para um combate, contudo, quem sozinho o encontrasse, não se poderia defender. E o medo desse lobo chegou a tanto que ninguém tinha coragem de sair da cidade. Pelo que S.Francisco, tendo compaixão dos homens do lugar, quis sair ao encontro do lobo, se bem que os cidadãos de todo não o aconselhassem. Fazendo o sinal da cruz saiu da cidade com os seus companheiros, pondo toda a sua confiança em Deus. E, temendo os outros ir mais longe, S.Francisco tomou o caminho que levava ao lugar onde estava o lobo. E eis que, vendo muitos cidadãos, os quais tinham vindo para ver aquele milagre, o dito lobo foi ao encontro de S.Francisco com a boca aberta e, chegando-se a ele, S.Francisco fez o sinal da cruz e o chamou a si, dizendo-lhe: Vem cá, irmão lobo, ordeno-te da parte de Cristo que não faças mal nem a mim nem a ninguém. Coisa admirável! Imediatamente após S.Francisco ter feito a cruz, o lobo terrível fechou a boca e

cessou de correr e, dada a ordem, vem mansamente como um cordeiro e se lança aos pés de S.Francisco como morto. Então S.Francisco lhe falou assim: Irmão lobo, tu fazes muitos danos nesta terra, e grandes malefícios, destruindo e matando as criaturas de Deus sem sua licença; e não somente mataste e devoraste os animais, mas tiveste o ânimo de matar os homens feitos à imagem de Deus, por tal coisa és digno da forca, como ladrão e homicida péssimo; e toda a gente grita e murmura contra ti, e toda esta terra te é inimiga. Mas eu quero, irmão lobo, fazer a paz entre ti e eles, de modo que tu não mais os ofenderás e eles te perdoarão todas as passadas ofensas, e nem homens nem cães te perseguirão mais. Ditas estas palavras, o lobo, com o movimento do corpo, da cauda, das orelhas e com inclinação de cabeça mostrava de aceitar o que S.Francisco dizia e de o querer observar. Então S.Francisco disse: Irmão lobo, desde que é de teu agrado fazer e conservar esta paz, prometo te dar continuamente o alimento enquanto viveres, pelos homens desta terra, para que não sofras fome; porque sei bem que pela fome é que fizeste tanto mal. Mas, por te conceder esta

grande graça, quero, irmão lobo, que me prometas não lesar mais a nenhum homem, nem a nenhum animal; prometes me isto? E o lobo, inclinando a cabeça, fez evidente sinal de que o prometia. E S.Francisco disse: Irmão lobo, quero que me dês prova desta promessa, a fim de que possa bem confiar; e estendendo

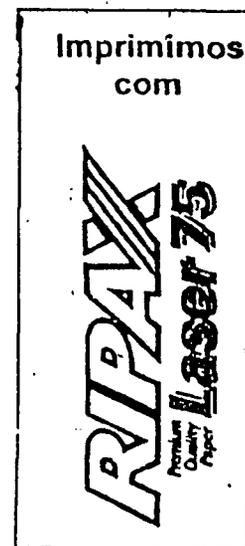


S.Francisco a mão para receber o juramento, o lobo levantou o pé direito da frente, e domesticamente o pôs sobre a mão de S.Francisco, dando o sinal como podia. Então S.Francisco: Irmão lobo, eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que venhas agora comigo sem duvidar de nada, e vamos concluir esta paz em nome de Deus. E o lobo obediente foi com ele, a modo de um cordeiro manso; pelo que os cidadãos, vendo isto, muito se maravilharam. E, subitamente, esta novidade se soube em toda cidade; pelo que toda gente, homens e mulheres, grandes e pequenos, jovens e velhos, vieram à praça para ver o lobo com S.Francisco. E, estando bem reunido todo o povo, S.Francisco se pôs em pé e pregou-lhe dizendo, entre outras coisas, como pelos pecados Deus permite tais pestilências: e que muito mais perigosa é a chama do inferno, a qual durará eternamente para os danados, do que a raiva do lobo, o qual só pode matar o corpo: quanto mais é de temer a boca do inferno, quando uma tal multidão tem medo e terror da boca de um pequeno animal! Voltai, pois, caríssimos a Deus, e fazei digna penitência dos vossos pecados, e Deus vos livrará do lobo no tempo presente, e no futuro do fogo infernal. E acabada a prédica, disse S.Francisco: Ouvi irmãos meus; o irmão lobo que está aqui diante de vós, prometeu-me e prestou-me juramento de fazer as pazes convosco e de não vos ofender mais em coisa alguma, se lhe prometerdes de dar-lhe cada dia o alimento necessário; e eu sirvo de fiador dele de que firmemente observará o pacto de paz. Então todo o povo, a uma voz prometeu nutri-lo continuamente. E S.Francisco, diante de todos, disse ao lobo: E tu, irmão lobo, prometes observar com estes o pacto de paz, e que não ofenderás nem aos homens, nem aos animais, nem a criatura nenhuma? E o lobo ajoelha-se e inclina a cabeça, com movimentos mansos de corpo, cauda e orelha demonstra, quanto possível, querer observar todo o pacto. Disse S.Francisco: irmão lobo, quero do mesmo modo que me prestasse o juramento dessa promessa, fora de portas, também diante de todo o povo, me dê segurança de tua promessa e que não me enganarás sobre a caução que prestei por ti.

Então o lobo, levantando a pata direita, colocou-a na mão de S.Francisco, pelo que depois desse fato houve tanta alegria e admiração em todo o povo, tanto pela devoção do santo, tanto pela novidade do milagre e tanto pela pacificação do lobo que todos começaram a aclamar para o céu, louvando e bendizendo a Deus, o qual lhes havia mandado S.Francisco, que por seus méritos os havia livrado da boca da besta cruel. E depois, o dito lobo viveu dois anos em Gúbbio; e entrava domesticamente pelas casas de porta em porta, sem fazer mal a ninguém e sem que ninguém lho fizesse; e foi nutrido cortesmente pela gente; e andando assim, pela cidade e pelas casas, jamais um cão ladrava atrás dele.



Finalmente, depois de dois anos, o irmão lobo, morreu de velhice; pelo que os cidadãos tiveram grande pesar, porque, vendo-o andar assim mansamente pela cidade, se lembravam melhor da virtude e da caridade de S.Francisco. Em louvor de Cristo, amém.





MÃE DO BOM CONSELHO DE GENAZZANO

Corria o século XV. Uma profunda decadência atingia a Civilização Ocidental e Cristã.

Na pequena cidade italiana de Genazzano, a igreja de São Marcos, padroeiro da cidade, estava em ruínas. Ninguém se preocupava em restaurá-la, com exceção de uma piedosa senhora, Dona Petruccia.

Ela era uma viúva idosa que não queria morrer sem ver o seu amado templo restaurado. Todos riam dela e, debocharam mais, quando ela gastou todas suas economias nesse sentido. Ficou sem dinheiro e não restaurou a igreja. Passou a ser vista como louca.

Mas, continuava rezando, pois acreditava que um milagre aconteceria.

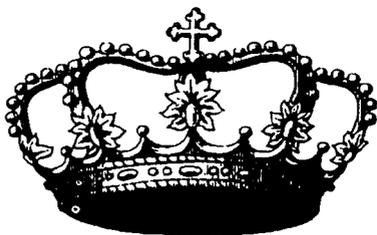
Festa de São Marcos, ano de 1467, festa na cidade. Quase todo mundo só pensar. Jo em se divertir, não se preocupando em ir à igreja e rezar. Ali só a velha Petruccia rezando para que Deus viesse em seu auxílio.

Eis que, num instante, começam a ouvir o repicar de todos os sinos da cidade. Todos olham para o alto e vêem um quadro, sobre uma nuvem, vindo em direção à igreja. Ele entra no templo e se encaminha para uma parede, aonde pára e fica. Diante do estupendo milagre, todos entram na igreja e doam dinheiro e

jóias para a imagem de Nossa Senhora que chegara. Com isso, pôde ocorrer a restauração tão sonhada por Petruccia. Mas de onde viera a imagem?

Em 1453, os turcos otomanos conquistaram Constantinopla e se propuseram conquistar a Península Balcânica e a tomar toda a Europa, inclusive Roma, onde ficava o Papa.

Eu seu avanço produziam terror e morte. Principalmente procuravam fazer os católicos renegarem sua Fé e aderirem à seita de Maomé. Quando estavam prestes a tomarem a Albânia, dois jovens desse País, Giorgio e de Sclavis, se viram diante de terrível dilema: ou fugiram para a Itália, mantendo a Fé, mas deixando a amada pintura de Nossa Senhora do Bom Conselho ou ficavam para defender o precioso Ícone e se expunham a ameaças e torturas para renegarem a Fé.



Eles rezaram muito e pediram conselho à Mãe do Bom Conselho que lhes inspirou a ida para a Itália. Ao irem se despedir da Mãe Celestial, eles viram o quadro sair da parede e, sobre uma nuvem, se dirigir ao mar Adriático. Eles seguiram e, ao chegar no mar, o atravessaram a pé. Seguiram o quadro até Roma, quando o perderam de vista. Mas, depois se informaram e foram localizar a sublime pintura em Genazzano, cidade próxima de Roma.

Até hoje, o quadro está lá, suspenso junto à parede. Na Segunda Guerra Mundial, bombas caíram próximas à Igreja e nada destruíram.

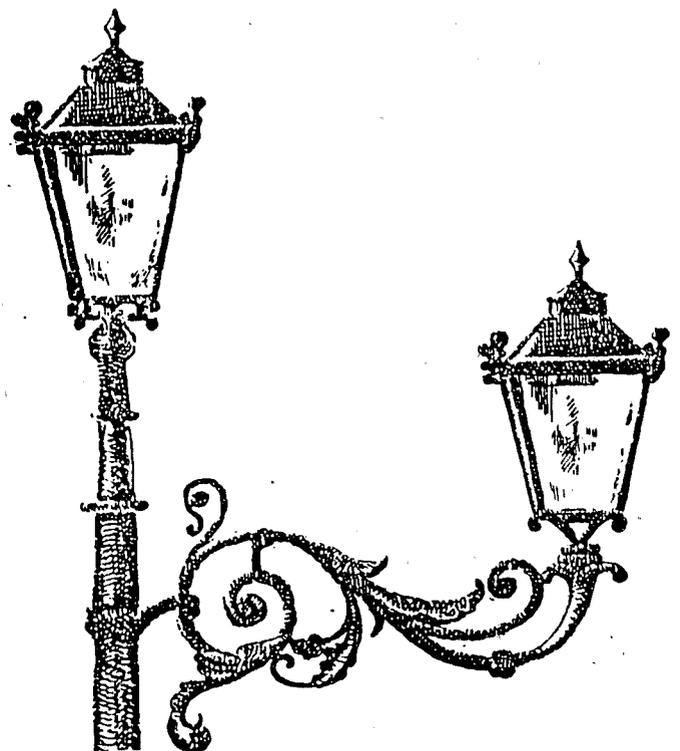
Por outro lado, na Albânia, de onde saiu o quadro, ficou um espaço com as medidas do mesmo.

Durante as perseguições religiosas comunistas, nesse país, uma luz impedia qualquer aproximação guardando o local das perseguições à Igreja.

Mas, o mais sublime é a imagem que muda de semblante, dependendo de quem ora perante ela. Algo similar ocorre com cópias e fotos dela.

Nossa Senhora é Mãe do Bom Conselho peçamos a Ela que nos instrua nos momentos de ignorância de nossa parte, nos ilumine nas trevas e nos diga o que fazer nas dúvidas.

Mãe do Bom Conselho de Genazzano Rogai por nós.





AO MENINO JESUS QUE NOS PEDE O CORAÇÃO

Senhor, que tenho que temer?

Não devo confiar-me inteiramente em Vós, que nascestes de propósito para me salvar?

Oh! Sim, ponho toda a minha confiança em Vós, meu Deus e meu Salvador. E que maior prova de misericórdia podíeis dar-me, Doce Redentor meu, para obrigar-me a confiar em Vós, que dar-Vos a mim? Ó Terno Menino, quanto me pesa de Vos ter ofendido! Chorar, Vos fiz na lapa de Belém; mas, sabendo que viestes para me buscar, lanço-me aos Vossos Pés; e ainda que Vos vejo tão afligido e humilhado nessa manjedoura onde repousais sobre palha, reconheço-Vos pelo meu Rei e Soberano Senhor. Ouço que, pelos Vossos ternos vagidos, me convidais a amar-Vos e pedis o meu coração; ei-lo, meu Jesus, aqui estou aos Vossos Pés para vo-lo oferecer; mudai-o, inflamai-o, porque viestes ao mundo para acender nos corações o Vosso Santo Amor. Ouço que, dessa manjedoura, me ordenais amar-Vos: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração. (Mt 22, 37). E eu respondo: Ah! Meu Jesus, se a Vós não amo, que sois o meu Senhor e meu Deus, a quem amarei? Vós Vos declarais a minha propriedade, porque nasceis para Vos dar todo a mim; e eu, recusaria ser todo para Vós? Não amadíssimo Senhor meu, dou-me todo a Vós e Vos amo de todo o meu coração. Sim, amo-Vos, amo-Vos, amo-Vos ó Bem Supremo, Único amor de minha alma! Recebei-me hoje, Vo-Lo suplico, e não consentais cesse de amar-Vos para o futuro. Ó Maria, minha Soberana, peço-Vos pela alegria com que fostes inundada à primeira vez que os Vossos olhos viram o Vosso Divino Filho no Seu Nascimento, e os Vossos braços O apertaram sobre o Vosso Maternal Coração; pedi-lhe que aceite a oferenda que Lhe faço de mim mesmo, e me prenda a Si para sempre pelo dom do Seu Santo Amor.

(Orações ao Menino Jesus, de Santo Afonso Maria Ligório)